

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21811>

“Recebi no Zap... Será qui é verdade?”: Discursos sobre o sujeito idoso internauta no Facebook

*“I’ve received on WhatsApp...
is it true?” discourses about
elderly internet users in the
Facebook*

Francisco Vieira da SILVA (UFERSA)
francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Recebido em: 10 de jan. de 2020.
Aceito em: 06 de maio de 2020.

SILVA, Francisco Vieira da. “Recebi no Zap...Será qui é verdade?”: Discursos sobre o sujeito idoso internauta no Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1811, p. 1-18, maio-ago/2020. DOI: 10.22168/2237-6321-21811.

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar discursos sobre o sujeito idoso internauta em um grupo do Facebook, de modo a investigar como os posicionamentos discursivos inscritos nesse grupo e envoltos em relações de saber-poder emolduram dizeres sobre o idoso internauta. Para isso, parte-se da perspectiva teórica de Michel Foucault (1995, 2006, 2009, 2010, 2011) e de suas contribuições para os estudos do discurso. Do ponto de vista metodológico, o presente estudo caracteriza-se como uma abordagem descritivo-interpretativa de cunho qualitativo. As análises mostram que, a partir das posições enunciativas enfocadas, o sujeito idoso internauta é visto em constante conflito com as tecnologias digitais e as utiliza para a assunção de uma pauta moral-religiosa.

Palavras-chave: Discurso. Idoso. Tecnologia digital.

Abstract: This study aims to analyze discourses about the elderly Internet user in a Facebook group, in order to investigate how discursive positions set in this group and covered in knowledge-power structure statements about the “silver surfer” user. For this purpose, we start with Michel Foucault’s (1995, 2006, 2009, 2010, 2011) theoretical framework and his contributions to discourse studies. In view of a methodological perspective, the present study is characterized as a descriptive-interpretative approach of qualitative nature. The analyses show that, based on the focused enunciative positions, the elderly Internet user is seen in constant conflict with digital technologies and uses them for the assumption of a moral-religious agenda.

Keywords: Discourse. Elderly. Digital technology.

Eu reencontrei amigos do tempo de escola. Usando o *Facebook*, se eu lembro o nome de uma amiga, pesquiso e caso ela tenha uma conta, vou achar. Aí conversamos e marcamos um encontro presencial. É muito legal. Já marcamos saídas em grupo e tudo. Hoje em dia, a pessoa acima dos 60 está tendo uma nova chance com as redes sociais de viver melhor. (Tereza Ribeiro, 60 anos).

Terceira idade conectada, sim! (Marcelo Levites)

Palavras introdutórias

O crescimento no número de idosos no Brasil alia-se, principalmente, a dois fatores: o acentuado aumento da expectativa de vida e a gradual redução da taxa de fecundidade. O impacto desse quadro já pode ser constatado na implantação de políticas públicas que consideram a emergência dessa parcela populacional como um alvo, a exemplo de leis como o Estatuto do Idoso, o acirramento das ações de acessibilidade e os serviços de fortalecimento de vínculos para os idosos, no debate acerca das questões de seguridade social, como a previdência, de fomento à produção de um saber médico a partir da gerontologia e geriatria, além das modificações do mercado consumidor que, cada vez mais, concebe o idoso como um perfil a ser investido, para além de serviços como planos de saúde, seguros de vida e medicamentos. Para corroborar essas afirmações, levamos em conta dados da pesquisa “Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores 2018”, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo a qual o número de brasileiros com mais de 65 anos de idade cresceu

em torno de 26% no período de 2012 a 2018, ao passo que a população de até 13 anos caiu 6%. Ainda de acordo com o estudo, a parcela que corresponde aos sujeitos com 65 anos ou mais totaliza 21,872 milhões de pessoas¹.

Se considerarmos uma temporalidade mais ampla, poderemos constatar que, em 50 anos, o número de idosos mais que dobrou no país, pois, em 1960, essa parcela da população representava 3,3 milhões. Em 2000, esse número passa para 14,5 milhões e, em 2010 chega, a 20,5 milhões². Tais dados atestam, portanto, uma progressiva transformação do desenho demográfico brasileiro e desemboca, em termos mais concretos, em mudanças nas práticas históricas, sociais e culturais e, como extensão, no modo como o idoso é representado e construído discursivamente por meio da linguagem (vide as formas correntes de se referir a esses sujeitos não mais como velhos, mas como inclusos na melhor idade, melhoridade, terceira idade, dentre outras expressões de cunho eufemístico). Dentre essas mudanças, gostaríamos de refletir, neste texto, acerca da inserção do sujeito idoso na *web*, mais notadamente no que toca às redes sociais digitais, especificamente o *Facebook*³.

Essa irrupção do sujeito idoso usuário da rede também se constitui como um processo gradativo que acompanha o desenrolar das tecnologias digitais e a popularização da *internet* no país. Assim, num primeiro momento, em meados dos anos de 1990, o computador ainda era um artefato de alto custo e a conexão com a internet ainda era tímida e literalmente lenta. Ou seja, as possibilidades sociotécnicas não garantiam aos idosos o uso efetivo dessas tecnologias. Todavia, com a modernização dos computadores pessoais, a partir da comercialização de computadores portáteis e o barateamento desses produtos, conjugada com o aperfeiçoamento das redes de transmissão, há um avanço maior na quantidade de sujeitos da terceira idade que acessa a rede, embora ainda esteja restrito a um público mais elitizado. Com o desenvolvimento das redes sem fios e a proliferação de *smartphones*, podemos pensar numa verdadeira revolução no tocante ao acesso à rede digital por boa parte da população e, como corolário, os idosos tornaram-se usuários

¹ Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/05/22/populacao-idosa-no-brasil-cresce-26-em-seis-anos.ghtml>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

² Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/em-50-anos-percentual-de-idosos-mais-que-dobra-no-brasil.html>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

³ Rede social criada por Mark Zuckerberg e lançada em 2004. Atualmente conta com mais de 2,2 bilhões de usuários em todo o mundo.

mais assíduos dessas tecnologias. De acordo com dados advindos de uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), o número de idosos que usam a *internet* subiu de 8% em 2012 para 19% em 2016⁴. Outros estudos demonstram que o acesso à rede por parte dessa parcela da população colabora para o desenvolvimento da memória, para a qualidade da saúde mental e a criação de espaços virtuais de sociabilidade (TEZZA; BONIA, 2010; FERREIRA; TEIXEIRA, 2017). Disso resulta a emergência de um sujeito idoso internauta, o qual é constituído por diversas estratégias discursivas e relações de saber-poder. A produção dessa subjetividade efetiva-se, para Navarro (2015, p. 204), “no interior da prática discursiva na qual se constitui a *web*”.

Em relação ao *Facebook*, as estimativas indicam que os idosos constituem o grupo que mais cresceu em número de perfis no país. Até agosto de 2018, aproximadamente 7,4 milhões de idosos estavam conectados a essa rede social⁵. Assim, por meio dessa ferramenta, esses sujeitos podem interagir com outros perfis, conhecer e reencontrar outras pessoas e atuar de modo mais efetivo no espaço virtual, na criação e na circulação de diversos discursos. Ademais, conforme sugere o título deste texto, o sujeito idoso transita em diferentes aplicativos, como o *WhatsApp*, inserindo-se no que poderíamos chamar, na esteira de Jenkins (2009), de convergência midiática, a qual não diz respeito somente ao trânsito de uma rede social a outra, mas à mudança da relação do sujeito pelos meios de comunicação que incita a forjar novas habilidades, aprendizados e os modos por meio dos quais os sujeitos relacionam-se com a política, como se diverte, entre outras práticas.

Partindo, portanto, das reflexões antes expressas, objetivamos neste texto analisar discursos sobre o sujeito idoso internauta num grupo do *Facebook*, de modo a investigar como os posicionamentos discursivos inscritos nesse grupo e envoltos em relações de saber-poder emolduram dizeres sobre o idoso internauta. Dessa forma, o propósito reside em responder aos seguintes questionamentos: Como os posicionamentos discursivos que circulam num grupo do *Facebook* acentuam dizeres já assentados sobre o sujeito idoso? Que relações de saber-poder sustentam essas posições enunciativas? Para isso,

⁴ Disponível em: <<https://www.copeltelecom.com/site/blog/inclusao-digital-na-terceira-idade-idosos-usam-cada-vez-mais-internet-no-brasil/>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/terceira-idade-o-grupo-que-mais-cresce-em-rede-social-23208824>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

analisamos séries enunciativas retiradas de um grupo denominado *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com as tecnologias*⁶. Conforme é possível antever a partir do nome do grupo, os dizeres que nele circulam adotam um tom satírico em relação às práticas dos sujeitos idosos nas tecnologias digitais, demonstrando, assim, a partir do adjetivo *confuso*, uma dificuldade desse sujeito em manejar a rede virtual. A forma verbal *fingimos* confere um tom farsesco aos enunciados produzidos, mas não ignora o efeito de verdade dos dizeres já produzidos por/sobre o idoso na *web* (NAVARRO, 2015). Seguindo as teorizações foucaultianas, não nos importa pensar o discurso sob o par verdadeiro/falso, senão indagar que condições de emergência permitem a irrupção de certos enunciados e não outros.

Consoante anunciado, este estudo segue prioritariamente a perspectiva teórica dos estudos discursivos foucaultianos, matizados em noções como discurso, enunciado, prática discursiva, formação discursiva, saber, poder e subjetividade. As reflexões desenvolvidas por Michel Foucault mostram-se cada vez mais atuais no exercício analítico das problemáticas do momento presente. Ainda que tal pensador não tenha se debruçado sobre questões atinentes ao universo da *web*, o caráter vasto de suas investigações possibilita pensar em práticas sociais inexistentes no momento histórico em que Foucault produziu sua obra intelectual. Isso porque “o tempo atual (do qual não podemos nos desvencilhar, e do qual conhecemos, contudo, apenas o limite de um traçado), é o princípio de abertura para toda alteridade discursiva” (RIBEIRO; CARNEIRO; AUGUSTO, 2019, p. 40). O próprio Foucault manifestou-se nesse sentido numa entrevista em 1977, da qual extraímos o seguinte excerto:

Procuo corrigir meus instrumentos através dos objetos que penso descobrir e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou titubeio de livro em livro. (FOUCAULT, 2006, p. 229).

Do ponto de vista metodológico, o presente estudo pauta-se por uma abordagem descritivo-interpretativa de cunho qualitativo. O *corpus* é formado por séries enunciativas organizadas a partir de postagens e comentários retirados do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com as tecnologias*.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/2381680405376793/>>. Acesso em: 08 jan. 2020.

No que toca à organização deste artigo, podemos frisar que o texto divide-se em três partes, além destas palavras de feição introdutória. Seguindo essa direção, na seção a seguir, discutimos acerca dos construtos teóricos de Foucault os quais serão demandados na seção posterior, em que direcionamos um olhar analítico sobre o *corpus* selecionado. Encerrando o debate, o último tópico trata de engendrar reflexões conclusivas acerca das reflexões aqui balizadas.

Um breve percurso na obra foucaultiana

Conforme a leitura de Machado (2017), a obra de Foucault passou por diversas mudanças, pois o filósofo em questão não tinha como princípio fixar os seus limites investigativos, de modo a dotar as suas teorizações de uma certa homogeneidade e coerência internas. Desafiado a pensar diferente o que se pensa, Foucault resistiu a ser classificado e enquadrado num dado campo do saber e/ou numa determinada vertente teórica. Nos termos de Machado (2017, p. 43),

Seu pensamento de múltiplas faces multiplicava as perspectivas com grande rapidez, a ponto de ele declarar não subscrever sem restrições as ideias dos seus livros. Ele era a ilustração perfeita de que cobra que não perde a pele, morre.

Seguindo essa perspectiva, é de uso corrente a divisão, para fins didáticos, da obra do autor em fases. Uma primeira denominada *arqueologia*, em que Foucault discute as regras de formação dos saberes que objetivam o sujeito no interior das Ciências Humanas; uma segunda fase conhecida como *genealogia*, na qual o pensador discute as relações de poder que atuam sobre as ações e os corpos dos sujeitos, e um terceiro momento, cunhado de ética e estética, no qual as reflexões foucaultianas centram-se sobre a produção da subjetividade e a relação com a sexualidade, por meio de determinadas práticas de si. Conforme Foucault (1995), o denominador comum que alinhava essas fases é o modo como os seres humanos tornam-se sujeitos na cultura Ocidental, seja por meio de uma arqueologia do saber, de uma genealogia do poder e de uma ética e estética de si.

Para este artigo, deter-nos-emos de maneira mais centrada na fase arqueológica, embora seja necessário dialogar com conceitos de outros períodos, pois entendemos que, no esteio da trajetória intelectual de Foucault, trata-se antes de uma continuidade de reflexões que uma abrupta separação de temas e/ou abordagens. Na arqueologia,

as discussões arroladas por Foucault, especialmente a partir da obra *Arqueologia do Saber* (1969), revisitam estudos anteriores (*História da loucura*, 1961, *Nascimento da clínica*, 1963 e *As palavras e as coisas*, 1966) e permitem a construção de conceitos fundamentais para pensarmos numa perspectiva discursiva de cunho foucaultiano. Nessa obra, o autor se propõe a pensar numa abordagem que se distancie do antropologismo que, de alguma forma, esteve presente em diversas perspectivas da História, seja no âmbito de uma História tradicional, que memoriza os documentos do passado, transformando-os em monumentos e se volta sobremaneira para o exame serial e linear de grandes feitos e de grandes personagens que heroicamente conduziram a história, seja pela Nova História, que se caracteriza pela transformação do monumento em documento e se debruça sobre as discontinuidades, rupturas, mutações e transformações, as quais delineiam as histórias de sujeitos infames e subalternos e de temas que foram negligenciados pela História tradicional. De acordo com Foucault (2010), nessa vertente historiográfica, a atenção se desloca das vastas unidades e das grandes épocas para os fenômenos de ruptura. Nas palavras do autor:

Por trás da história desordenada dos governos, das guerras e das fomes, desenham-se histórias, quase imóvel ao olhar, histórias em suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo e das minas de ouro, história da seca e da irrigação histórica da rotação das culturas [...]. (FOUCAULT, 2010, p. 3).

Dessa forma, a arqueologia, de acordo com Foucault (2010), busca analisar a formação dos saberes na construção do sujeito como objeto no âmbito das Ciências Humanas. A arqueologia busca escavar as camadas que compõem esses saberes, bem como as suas condições de emergência. Para tanto, Foucault (2010) define conceitos que se mostram profícuos para tal intento e a noção basilar sobre a qual orbitam as demais é a de discurso. O discurso compreende uma prática que constrói os objetos de que fala e constitui-se de um conjunto de enunciados que são provenientes de uma mesma formação discursiva. Esse conceito se refere a um conjunto de regularidades identificadas em meio a dispersões enunciativas. Segundo Foucault (2010), os enunciados não estão organizados *a priori*, mas são descontínuos e contingentes. À medida que se podem identificar séries de enunciados que compõem regularidades e características repetíveis, tem-se uma formação discursiva. Se pensarmos nesse regime de distribuição e repartição dos enunciados, poderemos constatar denominadores

comuns entre eles, de modo a pensarmos na existência de uma formação discursiva do saber clínico, de uma formação discursiva da religião cristã, dentre outras. Já a prática discursiva diz respeito a um conjunto de regras históricas que definem, num dado tempo e espaço, as condições de exercício da função enunciativa.

O enunciado é compreendido como o átomo, a unidade elementar de formação do discurso, “como um grão que aparece na superfície de um tecido de que ele é o elemento constituinte” (FOUCAULT, 2010, p. 90). Esse pensador define o enunciado, considerando os traços distintivos e limites que o diferenciam de outros elementos como a frase, a proposição e o ato de fala. Em relação à frase, o autor atesta que o enunciado não se reduz à estrutura gramatical e canônica do tipo sujeito–ligação–predicado, pois se ancora numa modalidade de existência completamente distinta. No tocante à proposição, o enunciado não se limita aos critérios de verdade e falsidade que verificam a existência de uma estrutura composicional. Quanto ao ato de fala, o enunciado não se atrela às circunstâncias do ato (se foi bem sucedido, ou não, por exemplo), nem às intenções do sujeito falante. Por outro lado, o enunciado representa uma condição de existência para a aparição da frase, da proposição e do ato de fala, pois o enunciado “[...] constitui uma função de existência dos signos [...] e cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e faz com que apareça, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2010, p. 98).

O enunciado, consoante rezam os preceitos foucaultianos, configura-se como uma função que engloba as seguintes propriedades: i) *referencial* – definido não como coisas fatos ou realidades a que o enunciado aludiria, mas, sim, como as leis de existências para “os objetos que estão aí nomeados, designados ou descritos” (FOUCAULT, 2010, p. 103); ii) *posição de sujeito* – conforme o autor, a posição que enuncia não se confunde com o autor, nem com o sujeito empírico, senão como uma posição vazia que pode ser ocupada por diferentes indivíduos, até determinado, indiferentes que chegam a produzir o enunciado; iii) *domínio associado* – diz respeito aos enunciados anteriores e posteriores com os quais o enunciado mantém uma relação, de modo que não há enunciados livres, pois estão enredados numa teia discursiva que pressupõe uma memória; iv) *materialidade repetível* – para que haja o enunciado, é necessária a existência de uma substância, um suporte e uma data. Ou seja, a emergência de um enunciado ocorre em materialidades as quais possibilitam a sua repetição e funcionamento em condições estritas.

Com vistas à descrição da função enunciativa, Foucault (2010) estabelece alguns princípios que perfilam a análise do enunciado, quais sejam: i) princípio da raridade – nem tudo pode ser dito, o que faz com que o é dito seja raro e é necessário buscar as singularidades características dos enunciados; ii) *princípio da exterioridade* – vale considerar o enunciado no âmbito de um regime de dispersão no tempo e no lugar em que se produziu, indo além de uma subjetividade transcendente e de um segredo anterior à irrupção do enunciado; iii) *princípio do acúmulo* – é preciso conceber as transformações do enunciado no decorrer do tempo, observando o funcionamento de diversas técnicas responsáveis pela conservação e desaparecimento de determinados enunciados; iv) *princípio da positividade* – é a esse princípio que se chega quando se percorre os princípios anteriores, porque, ao se analisar as performances verbais do enunciado, examina-se as positivities de um discurso, ou seja, observa-se o funcionamento do discurso por meio das condições que permitem sua aparição, o regime de existência e de transformação dos enunciados.

Essas relações assinalam, de acordo com Foucault (2009), as relações do discurso com o desejo e o poder. Para o autor, a produção do discurso é controlada por meio de certos procedimentos de controle, seleção, organização e distribuição. Dito de outro modo, os discursos não surgem de maneira aleatória, mas são permanentemente articulados a estratégias e táticas de poder na relação com o saber. O saber configura-se por meio de certos posicionamentos acerca de objetos num tempo e num lugar específicos, por meio de instâncias sociais particulares. Na exemplificação de Foucault (2010, p. 220), “o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico [...]”. Encapsulando essa discussão, Foucault (2006, p. 229) arremata, “procuro fazer essa espécie de camada, ia dizer essa espécie de interface, como dizem os técnicos modernos, essa interface do saber e do poder, do saber e do poder”.

A concepção de poder no cerne das teorizações foucaultianas distingue de outras abordagens, como as perspectivas marxistas, nas quais o poder provém das instituições, é assinalado principalmente pela questão econômica e oprime e subjuga os mais aliados do capital. Já a perspectiva de Foucault, ainda que não negue a existência do poder do Estado, expande o entendimento a respeito do poder para abarcar as microrrelações cotidianas e destacar a horizontalidade das relações de

poder que ocorrem entre homens livres. Nas palavras de Foucault (2006, p. 184), “o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais finos, porque cada um é, no fundo, titular de um certo poder e, em certa medida, veicula o poder”. Sendo assim, as relações de poder permeiam todo o corpo social, advém de todos os lugares, mas, no entanto, não possuem um efeito totalizante, pois coexiste com múltiplas estratégias de resistência, de luta e de confronto. Segundo Foucault (2006, p. 231), “Na sociedade, há milhares e milhares de poder e, por conseguinte, relações de força, de pequenos enfrentamentos, microlutas de algum modo”.

O exercício do poder, consoante Foucault (1995), não é simplesmente uma relação entre parceiros, quer sejam individuais ou coletivos, mas ocorre sobre a ação de alguns sobre os outros. Diferentemente de uma relação de violência, o poder não age diretamente sobre as coisas, mas atua no âmbito das ações as quais geram pontos de fuga, respostas, reações e efeitos. O sujeito, nessa analítica do poder, tem sua conduta permanentemente afetada por essas ações. Na voz de Foucault (2006, p. 185), “o indivíduo, com suas características, sua identidade, em sua referência a si mesmo, é o produto de relações de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças”. Assim, o sujeito constitui-se por meio de relações de poder e por efeitos do saber. Nos últimos escritos foucaultianos, especialmente nos volumes dois, três e quatro da História da Sexualidade e nos derradeiros cursos ministrados no Collège de France, as atenções voltam-se para os modos por meios dos quais os sujeitos se relacionam consigo mesmo através de uma série de práticas e tecnologias de si que produzem uma constituição ética para o sujeito.

Ao centrar-se sobre o domínio da sexualidade, a partir de uma genealogia que recobre escritos da tradição greco-romana e dos primeiros tempos da era cristã, as reflexões foucaultianas procuram exhibir como os regimes de racionalidade emolduram verdades sobre o sujeito e como este se articula com técnicas que visam a extrair a verdade, por meio da confissão e do dizer de si. De acordo com o autor, “Direi para ser um pouco mais preciso, que é fácil perceber quão grande, em toda a moral antiga, em toda a cultura grega e romana, foi a importância do princípio: ‘é preciso dizer a verdade sobre si mesmo’” (FOUCAULT, 2011, p. 5). Pensando desse modo, emerge a concepção de um sujeito que é fabricado por meio de práticas e discursos. Assim, a subjetividade emerge no entroncamento das estratégias de poder e de saber e dos

discursos sobre si, de um trabalho que o executa si mesmo, mas sempre visando ao outro. Em termos foucaultianos, trata-se de um governo de si que objetiva governar o outro. Conforme poderemos observar na seção seguinte, as noções discutidas aqui se mostram prodigiosas para o exame do *corpus* selecionado para análise.

O sujeito idoso internauta em discurso: análise do *corpus*

De acordo com o que adiantamos na introdução deste escrito, as análises circundam dois eixos que foram erigidos a partir das regularidades detectadas no objeto de estudo por meio de um olhar prévio realizado anteriormente. Analisamos trinta postagens advindas do Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia, publicadas nos meses de dezembro de 2019 e 2020⁷. Esse olhar nos permitiu observar as seguintes regularidades: a) *a tecnologia como um enigma* e b) *a tecnologia como um espaço de assunção de uma pauta moral-religiosa*. A pesquisa segue um viés descritivo-interpretativo, pois descrevemos e interpretamos os posicionamentos que constroem dizeres sobre o sujeito idoso na *web* e qualitativa porque importa-nos pensar na natureza do fenômeno observado, prescindindo de dados quantitativos.

O grupo do qual retiramos as séries enunciativas conta atualmente com cerca de 500.000 membros⁸ e constitui um grupo privado, cuja entrada de novos membros é avaliada pelo serviço de moderação que também é responsável pela aprovação ou não das postagens enviadas pelos membros. As postagens têm uma repercussão muito variada que podem chegar a ter menos de 100 curtidas e passar de 10 mil. A imagem de capa do grupo mostra duas mulheres idosas brancas, olhando para aparelhos celulares em volta do título da página em caixa alta. Ambas sorriem e parecem entusiasmadas com o que veem na tela. A natureza compósita da capa ainda mostra um arco com flores e mensagens de *boa noite* e *um feliz domingo*, de modo a sugerir que o envio maciço desses cumprimentos nas redes sociais seria frequente entre o público idoso.

Após essa rápida caracterização da página, entramos na série enunciativa do primeiro eixo de análise que ocorre na construção de dizeres humorísticos relativos ao emprego lexical de termos causadores de duplo sentido como “Bom dia, encontro um maconheiro pra fazer

⁷ Para este estudo, analisaremos vinte e quatro materialidades, entre postagens e comentários.

⁸ Referimo-nos ao mês de janeiro de 2020, momento em que este texto foi escrito.

uma mesa assim⁹” do desconhecimento do sentido de determinados termos como “Ouvi mi neta flando no telefone que iria começar fazer tal de chuca. muit orgulhosa de mnha netinha começar empreendimento”. Na materialidade significativa, o uso frequente de palavras em desacordo com a ortografia, a ausência ou o uso indiscriminado de pontuação e a infração a outros aspectos gramaticais normativos constitui uma regularidade nos enunciados que circulam no grupo em estudo. Essa ausência de um saber específico estaria atrelada a pouca escolaridade desse sujeito idoso e sua dificuldade de manejar a tecnologia digital¹⁰, especialmente as telas *touch screen* e os corretores dos aplicativos de conversa. Noutros termos, essa inabilidade no manejo de tais artefatos atrela-se a uma suposta ingenuidade do sujeito que troca marceneiro por maconheiro e que desconhece o significado do termo chuca, espécie de lavagem intestinal com vistas à realização do sexo anal, confundindo-o com um tipo de empreendimento comercial. Além disso, nesse último exemplo, tal confusão pode se dar porque o sujeito idoso não participa de comunidades discursivas em que esse entendimento seria corrente.

12

Essa tecnologia enigmática ainda recobre outras situações que se tornam vexatórias para o sujeito idoso no que concerne aos usos e às funções das ferramentas de busca na *web* e os espaços existentes dentro de uma rede como o *Facebook*, como o espaço de comentários, as práticas de compartilhamento, o envio de mensagens privadas, as postagens públicas, dentre outros. Assim, temos enunciados como “Babosa é.bom.pra.impotencia.pesquisa.google”, “Como que Apagar multa de transporte trânsito por fora ? Detran multa máfia mouro”, “Linda da tia. Diz pa sua mãe que a rosinha vai operar das trompas” e “Ana anvisa pra.sua mae trase vasilha.ano pasado ela.levo as minha. E não devouveu. rrsrrs...bjs”. Nos dois primeiros enunciados, o sujeito idoso publica em sua rede social uma dúvida que deveria aparecer nas ferramentas de *web*, como o Google, já que se trata de questões circunscritas ao âmbito privado do sujeito, como o combate à impotência, no primeiro caso, e a tentativa de fraudar o sistema de multas de trânsito, no segundo. O humor reside justamente nessa incompatibilidade entre o dizer e o espaço em que ele deveria estar.

⁹ Como escolha metodológica, optamos por não divulgar o nome dos perfis dos sujeitos que postaram e comentaram no grupo. A escolha deu-se nos meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020. Elegemos o número de curtidas (acima de 100) como objeto de escolha.

¹⁰ Vale frisar que não se trata de um dizer generalista, haja vista que há idosos com altos graus de instrução, mas enfrentam certas limitações no uso das tecnologias digitais.

O uso de filtros, no segundo caso (multa, máfia e mouro) e a escrita da ação a ser realizada, no caso o clique, do primeiro caso, denunciam esse falta de traquejo do sujeito idoso cujo dizer volta-se para uma construção negativa de si (impotente e corrupto). No terceiro e no quarto enunciado, essa regularidade circunscreve também esses dizeres fora de seus legítimos lugares. No primeiro caso, aparece uma espécie de recado num comentário de uma foto e, no segundo, uma mensagem privada, a ser enviada em aplicativos como o *Messenger*, é postada publicamente, revelando, assim, o inconveniente da situação, já que se trata de uma cobrança.

Essa carência de uma etiqueta digital marca os enunciados antes descritos e assinalam, pois, a inadequação desse sujeito idoso às tecnologias, de modo a gerar efeitos risíveis. Além disso, o sujeito idoso é instado a realizar certas ações nas redes sociais e/ou a lidar com determinadas intempéries do uso do aparelho celular e, em função desse desconhecimento, solicita a ajuda de um outro, como podemos constatar na série a seguir: “boa noite como.faço.pAra entra no feise nao estou conseguindo. cliquei aki e apareceu estes coracoes obrigada a todos pelo amor.mas sou casada a 42 anos”, “Nao gosto dece grupo pode m tira po.r favor”, “Deichei meu celular cai no xão e quebrou a tela. Vocês conseguem ver daí? Neide mim passa o contarp do seu netinho que arruma bjss que deus t abeco” e “COMO FAZ PRA DESLIGAR A LETRA GLANDE”. Podemos constatar nessa série que a posição que enuncia aponta dúvidas do sujeito idoso em relação à ignorância das funcionalidades das plataformas digitais e do próprio manuseio do aparelho celular (como o uso das letras em caixa alta no exemplo citado). Assim, o uso de emojis em formato de coração é categorizado como uma cantada, a necessidade que alguém retire o sujeito do grupo cujo sentido está articulado ao fato de, em alguns casos de grupo no *Facebook*, outra pessoa ter inserido esse sujeito e, por fim, a possibilidade da danificação de uma tela do celular ser vista pelos outros usuários da rede.

A regularidade que atravessa essa rede enunciativa repousa no fato de o sujeito ser atravessado por relações de saber-poder que o tornam, a partir dos discursos em estudos, dependentes do auxílio de outro. Isso aparece de modo mais marcado no enunciado em que a posição sujeito solicita a ajuda do neto de uma amiga para resolver o problema da tela quebrada. Nos demais casos, esse outro representa os demais usuários da rede social, os quais podem interceder por esse sujeito que necessita de um apoio técnico, de um saber especializado,

por assim dizer. Isso demarca a relação constitutiva entre o discurso, o saber e o poder. Conforme frisa Foucault (2006, p. 254), “o discurso é uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral de poder”.

No segundo eixo de análise, flagramos o funcionamento de práticas discursivas que constroem dizeres de cunho moral-religioso. Esses discursos normalmente vinculam-se a estratégias de poder e a efeitos de um saber sobre os comportamentos e condutas dos mais jovens, especialmente netos/as e conhecidos (filhos/as de vizinho/a, por exemplo). A posição que enuncia mostra-se tanto curiosa por tentar compreender as singularidades da juventude de hoje, como condena certas práticas consideradas pecaminosas a partir da moral religiosa cristã. Vejamos, pois, a série enunciativa a seguir, constituída de comentários de uma postagem compartilhada de uma página denominada Jesus Cristo é o Senhor. A postagem contém uma imagem de um casal apaixonado e no centro os seguintes dizeres: “Se você mantém sexo com sua namorada, isso não se chama relacionamento amoroso, isso se chama fornicção”¹¹. Alguns dos comentários a essa postagem foram os seguintes: “Me casei virgi ja a minha netinha Claudia fornicca todo final de semana com o namorado pois a minha filha Lena deixa eles dormirem juntos”, “Eses jove de oje só o peca.do deus teia mesericordea”, “A juventude ta perdida, bom dia” e “amem irmã marcar netinho”.

O referencial desses enunciados encontra eco nas condições de existência no âmbito do cristianismo no que tange à condenação de relações sexuais antes do matrimônio. As reações de espanto das posições que enunciam justificam-se por um apelo a um tempo saudosista, no qual esses sujeitos vivenciaram suas experiências sexuais no momento previsto pela religião. Daí a preocupação com a sexualidade dos netos (“marcar netinho”) e a condenação a tais práticas (“minha netinha Claudia fornicca todo final de semana”). Esse sujeito enunciator também adota uma posição fatalista em relação aos jovens os quais são pecadores incuráveis. Num domínio associado, esses enunciados retomam toda uma discursividade bíblica de cunho profético-apocalíptico cujos sinais estariam interligados, por exemplo, à liberdade sexual e à contaminação dela decorrente. “Isto é falta

¹¹ Abaixo desses dizeres, tem-se o marcador *Santidade Masculina*, dando a entender que tal postagem foi publicada inicialmente numa página com esse mesmo nome. É como se esse título marcasse, nos termos foucaultianos, o exercício da função-autor.

de Deus no corassAo”, dirá outro enunciado, apontando, através do princípio do acúmulo, que a moral religiosa cristã constitui uma via de controle do comportamento sexual e que sua ausência gera o caos e a devassidão. Há, ainda, o descumprimento generalizado de um dos dez mandamentos: “Não pecar contra a castidade”, o que constitui, portanto, uma grave infração aos dogmas religiosos.

Paralelos a essa desaprovação de natureza sexual, erigem-se enunciados que procuram esquadriñar os hábitos e práticas dos netos/as quanto ao uso de ornamentos como *piercing* e tatuagens e o fato de consumirem produtos audiovisuais como desenhos japoneses. Numa postagem com o dizer *Piercing é o anzol que Satanás usa para pescar sua alma e levá-la ao inferno/ Diga não aos pircing e tatoagens*, no entorno da imagem de uma mulher com vários *piercings*, tatuagens, implantes subcutâneos e outros tipos de intervenções corporais, já podemos observar o funcionamento de uma posição de desaprovação quanto ao uso de modificações corporais, considerando-as como contrárias aos preceitos cristãos e, portanto, demoníacas e indecentes. Eis alguns dos comentários: “Coisa de satanista.....muitu feiu.... bjs”, “Miá neta ta inxendo o corpo dei tatugi.ja falei que coisa do demonho.ela n escuta. paressi qui ta surda”, “tar . Amarado in nome de Jesus Cristo,”.

Obervamos nessas posições que enunciam o efeito de pavor diante das modificações corporais, expresso pela exortação a Jesus Cristo e a atribuição dessas mudanças no corpo ao satanismo. No segundo enunciado, o sujeito admite ter alertado a neta quanto ao excesso de tatuagens, de modo a tentar instruí-la, ainda que não tenha obtido êxito. Temos, pois, posicionamentos que se amparam no saber da religião e a emergência de estratégias que tentam controlar os corpos juvenis. Ortega (2006, p. 49) aponta que “as modificações corporais constituem um caso especial e *sui generis* de tentativas de personalização do corpo – mediante a impressão de marcas corporais – e da formação de bioidentidades”. Todavia, as posições de sujeito em estudo concebem essas intervenções como legítimas marcas de uma entidade maligna, haja vista que o corpo, no esteio da religião cristã, é entendido como o templo sagrado que deve ser mantido de modo natural e com o mínimo de alterações. Uma passagem bíblica corrobora esse posicionamento: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos?” (BÍBLIA SAGRADA, 1 Coríntios, 6:18–20, s.p.).

Para finalizar, temos a seguinte postagem: “gient. meu neto ta chorando,, por um. tal. de naruto. algem . tem ideia,, de quen é?.,,”. Os comentários gerados foram os seguintes: “diabo.esta envolvido.nesses. desenhos de hoje,tome cuidado ok bjs”, “Voce. Já levou ele no.pastor? Bjs” e “Já.liguei.pro.misionario.ele.vai.ai”. Vemos que o desconhecimento acerca do desenho animado por parte do sujeito que faz a postagem acaba por provocar a produção de dizeres análogos ao posicionamento acerca das intervenções corporais. De modo mais específico, trata-se de desenhos que incutem ideias diabólicas nas crianças (“tome cuidado”), necessitando do auxílio religioso materializado, conforme os comentários, na figura do pastor e do missionário. Mais uma vez, entrevemos o funcionamento da religião cristã como uma prática discursiva que faz emergir essas posições acerca do perigo alojados nesses produtos audiovisuais e a condução dos comportamentos das crianças.

As tecnologias digitais possibilitam ao sujeito idoso a assunção de uma pauta moral-religiosa que se volta justamente para o controle dos corpos infante-juvenis, sejam dos netos/as e da juventude de modo mais genérico. Cabe ressaltar ainda que se constata a sátira ao alinhamento político à direita, principalmente na remissão, em alguns comentários, à figura do atual presidente do Brasil em tons de súplica e de ameaça (“deus.abensoe noso Capetao bonso nario”, “POVO.TÁ.MENCHENDO COM O,,UNJIDO DE dUES,,,,,VAI PAGÃO UM PRESSO MUITO.AUTO”), cuja campanha eleitoral foi assinalada prioritariamente pelas mídias digitais e com um viés moralista e conservador bastante acentuado e, portanto, construído discursivamente, como o salvador, o Messias, o ungido, a partir do eleitorado evangélico, principalmente (ALMEIDA, 2019). Tais condições de existência fazem com que, na perspectiva de Foucault (2010), sejam justamente estes enunciados e não outros.

Palavras finais

Neste texto, estabelecemos como meta analisar discursos sobre o sujeito idoso internauta num grupo do *Facebook*, de modo a investigar como os posicionamentos discursivos inscritos nesse grupo e envoltos em relações de saber-poder emolduram dizeres para o idoso internauta. A partir das regularidades encontradas no *corpus*, dividimos a discussão em dois eixos: a) *tecnologia como um enigma* e b) a *tecnologia como um espaço de assunção de uma pauta moral-religiosa*.

No primeiro eixo, analisamos o modo como as posições enunciativas constroem o sujeito idoso como alguém que necessita de ajuda no manuseio dos aplicativos e das redes sociais em função da ausência de certo letramento que lhe permita usar essas ferramentas sem causar constrangimentos. Nesse sentido, o sujeito idoso internauta carece de um saber especializado, pois a falta deste o torna vulnerável a passar por situações que podem ser consideradas vexatórias. E, como consequência, o sujeito é atravessado por uma diversidade de inquietações no traquejo com as tecnologias, tornando-se alvo de relações de poder que o governem no espaço virtual.

O segundo eixo permitiu-nos averiguar a irrupção de uma pauta moral-religiosa, por meio da qual os idosos se interrogam a respeito de certas práticas e comportamentos dos/as jovens e condenam esses comportamentos (sexuais, corporais e mentais), sob o amparo das práticas da religião cristã. Nesse sentido, a posição de sujeito constrói, por meio do humor, o idoso internauta como um conservador e saudosista de um tempo em que havia ordem e moral.

É preciso novamente reiterar que o fato de os enunciados não terem sido produzidos por um sujeito idoso do ponto de vista empírico não os tornam *nonsenses*, descabidos e inverossímeis; pelo contrário, atestam o pressuposto foucaultiano de que a posição que enuncia não se confunde com o sujeito autor, mas constitui uma função vazia, podendo ser ocupado por distintos indivíduos. Para finalizar, destacamos que se trata de um estudo em fase de desenvolvimento, porquanto outras possibilidades analíticas poderão insurgir noutros momentos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu amigo e orientando Vinícius Costa de Araújo Lira, pela inestimável colaboração nesta pesquisa.

Referências

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e crise brasileira. **Novos Estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/nec/v38n1/1980-5403-nec-38-01-185.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BÍBLIA SAGRADA. **1 Coríntios**. Disponível em: <<https://www.bible.com/bible/129/1co.6.18-20.NVI>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

FERREIRA, M. C.; TEIXEIRA, K. M. D. O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 153-167, 2017.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos; IV).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVITES, M. **Terceira idade conectada, sim!** 2019. Disponível em <<https://emails.estadao.com.br/blogs/viva-mais-e-melhor/terceira-idade-conectada-sim/>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

MACHADO, R. **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

NAVARRO, P. Dispositivo e governo da velhice no discurso da web. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 193-214, jul./dez. 2015.

ORTEGA, F. Das marcas sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 42-58.

RIBEIRO, C. E.; CARNEIRO, S. R. G.; AUGUSTO, V. F. Apresentação de dossiê especial: na orla do tempo, os mil rostos de nossa atualidade: porque ainda a arqueologia. **Cadernos de ética e filosofia política**, São Paulo, v. 2, n. 35, p. 33-41, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/165423>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

TEZZA, R.; BONIA, A. C. O idoso e a internet: uma etnografia sobre interação e aprendizagem. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 185-197, jan./abr. 2010.